

Considerações Finais

Uma pequena fábula da humanidade

Entre outras coisas, somos seres narrativos. Desde que o homem saiu do escuro e adquiriu consciência para guiá-lo pela sua existência, ele conta histórias. Imagino os homens e mulheres primitivos sentados ao redor do fogo para ouvir alguém contar suas aventuras e, ao escutar atentos as narrações alheias, aprender, formar imagens mentais de coisas ausentes e diferentes. No caminhar da humanidade muitas coisas se transformaram, muitos fatos ocorreram, e mesmo assim aquela situação de seres humanos ouvindo uns aos outros se manteve. A forma pode ter mudado. Pode não ser mais em volta do fogo, mas pode ser na escola, na reunião de trabalho, diante de um livro, em frente a uma TV ou a um computador. Somos ávidos por histórias e novos conhecimentos. Gostamos de saber de outros lugares, outros pensamentos, outras realidades. E a partir do que lemos ou ouvimos, depuramos nossa experiência e nosso espírito.

Num mundo cada vez mais complexo, as maneiras de contar histórias também se complexificaram. Da comunicação oral passou-se à comunicação escrita para retornar a uma comunicação oral (e audiovisual) mediada por tecnologias. As histórias podem até ser semelhantes, mas o suporte sobre o qual elas são veiculadas muda as maneiras pelas quais elas são narradas e apreendidas. Durante um bom tempo a humanidade contava e recontava suas histórias oralmente. Com o desenvolvimento da escrita, aqueles privilegiados que aprendiam a ler eram valorizados por saber decodificar os símbolos. Símbolos que se transformavam em histórias e em idéias. Mágicos. Símbolos que traziam mundos distantes, que levavam a uma viagem ao tempo. A maior parte das pessoas não tinha esse privilégio e ficava alijada dos processos que transformavam a sociedade, que rumava na direção do progresso tecnológico.

Decodificar os símbolos tornou-se fundamental para se inserir e compreender as sociedades complexas. A escola surgiu como o local sagrado, onde se ensinava a desvendar os símbolos mágicos e, a partir disso, a ter acesso a todos os conhecimentos da humanidade, a desenvolver o pensamento e ainda a como se comportar de modo adequado para viver em sociedade. Nesse espaço, os detentores do saber organizavam a melhor maneira de contar as histórias e passar

adiante, para as novas gerações, tudo o que os seres humanos acumularam em sua caminhada. No princípio, como a escola era um dos poucos locais onde se podia adquirir os saberes, as coisas fluíram sem muitos obstáculos. Todos a respeitavam e compreendiam que era através dela que se podia aproximar mundos distantes.

Até que surgiram alguns acessórios tecnológicos que vieram para contar histórias também. Mas, imediatamente foram rotulados de fúteis e meramente recreadores. Realmente, os novos acessórios não pretendiam ensinar nada, só pretendiam divertir e informar. Mas tinham um bom potencial para expandir qualquer idéia que fosse, qualquer mensagem e até mesmo os tais conhecimentos e saberes que o local sagrado difundia. Afinal, eram meios de comunicação e sempre foi através desse processo, o da comunicação, que se transmitiram os conhecimentos da humanidade.

Para desespero dos detentores do saber, os tais acessórios passaram a fazer um sucesso estrondoso! Contavam histórias como ninguém jamais havia contado e, a partir delas, passavam valores diferentes, mostravam mundos diversos. A princípio, só oralmente, mas depois, com a invenção de outro acessório tecnológico, junto com imagens. A humanidade ficou encantada. As imagens em movimento e luz traziam uma sensação de realidade. As histórias não precisavam mais ser imaginadas. O universo inteiro estava ali diante dos olhos! E os seres humanos, hipnotizados pelas histórias de fácil acesso, passaram a adquirir novas habilidades mentais. Aprendiam as coisas de forma fragmentada, diferente do modo como sempre aprenderam na escola. Para que precisamos da escola então?, perguntavam alguns. O conhecimento escolar talvez não seja tão sagrado assim! Podemos tê-lo na hora que quisermos!

As escolas viram-se em uma encruzilhada. Algumas preferiram continuar acreditando que nada se aprende fora delas e que o pensamento linear-sequencial é suficiente para desenvolver o ser humano. Outras passaram a olhar as tecnologias da comunicação com cuidado e curiosidade e perceberam que podiam manuseá-las para contar suas histórias de modo diferente, aproximando-se da forma sedutora que elas usavam para atingir a emoção e o pensamento dos estudantes. Outras ainda, resolveram que os acessórios tecnológicos seriam a base sobre a qual sua estrutura deveria se assentar, numa transformação radical do modo como sempre se pensaram como escola.

Mas não é quase sempre assim que as coisas acontecem? Quando algo novo chega para desestabilizar alguma ordem estabelecida, sempre há os que se agarram ao conhecido, os que entram de cabeça na nova ordem e outros que num tempo próprio vão incorporando alguns elementos do novo na estrutura antiga, experimentando, refletindo, transformando. Então, o mundo vai mudando de face, vai modificando sua forma de agir. E o caminhar da humanidade muda de ritmo, tropeçando aqui, correndo ali, voltando ao passo inicial. E vai tecendo uma coisa nova, na esperança de que outros tempos mais felizes cheguem. Para sempre.

Fim

Esta fábula conta, de modo resumido, o que foi discutido nesta pesquisa. Ou seja, a chegada das tecnologias da informação e da comunicação veio abalar as dinâmicas sociais e com ela as instituições do saber. Sem dúvida, estamos diante de um imperativo de mudanças que requer dos educadores a disposição de enfrentar o desafio tecnológico, tendo em vista superar os problemas de nossa realidade educacional. Mas mesmo os maiores entusiastas das tecnologias, principalmente dos computadores, sabem que ela por si mesma, não é suficiente para melhorar a educação. Para complicar um pouco mais este terreno, os computadores e a TV não estão na escola pela formação de uma vontade democrática, nascida das convicções dos docentes sobre a concordância de novos padrões educacionais, mas como uma das forças motrizes do crescimento econômico que, na educação, encontra um nicho de mercado.

Há poucos indicadores de que a educação tenha alcançado melhores níveis de qualidade em função da entrada das tecnologias na escola, por isso procurei, nessa pesquisa, verificar se os modos de uso destas tecnologias no espaço escolar ao menos propiciavam a experimentação de novos paradigmas e de uma aproximação com a cultura do aluno. Em meu estudo, vi que os docentes em geral não percebem as tecnologias como elementos muito importantes na transformação da escola ou numa mudança de paradigmas. Ainda que os professores tenham se atribuído a tarefa de conciliar o trabalho de sala de aula com os recursos tecnológicos, eles preservam o modelo de organização da escola e não o redimensionam visando a utilização tecnológica como eixo condutor do processo

educacional. Convivem com um arcabouço curricular que não foi concebido para dar conta da experiência que realizam.

No entanto, alguns professores, coagidos pela lógica do progresso técnico e científico, demonstram preocupação em utilizar o computador na escola, como forma de dar oportunidade aos alunos de se inserir no processo de informatização da sociedade.

A partir das observações das aulas, pude listar algumas outras considerações relevantes para este trabalho.

1) Verifiquei que a cultura da mídia penetra na escola através dos alunos, em sua linguagem, suas conversas, seus hábitos, mas parece ser deixada em segundo plano, em prol da cultura crítica e da acadêmica vistas como incompatíveis com a cultura da mídia.

2) Percebi que o potencial educativo da TV, quando trabalhada na escola, está nos seus produtos. É possível promover uma aprendizagem significativa e relevante através de debates críticos e reflexivos sobre o que se vê na tela: sejam filmes, programas, novelas, debates. É neste tipo de trabalho que percebo uma aproximação maior com a cultura do estudante. E a atuação da instituição aqui seria a de "despertar" os alunos para as ideologias que entremeiam nossa sociedade.

Nesse contexto, o computador tem seu potencial educativo em dois âmbitos: nos seus recursos de máquina, que possibilita a criação, a expressão dos alunos, a interatividade e a divulgação de seus trabalhos via web; e nos programas e sites por onde circula a avalanche de informações. Neste caso, seu uso em sala de aula abre espaço para que os professores deleguem parte de sua aula à máquina, ou adotem uma abordagem crítica auxiliando seus alunos a selecionar as informações, a compreendê-las e a fazer apreciações sobre elas.

3) Levantei a hipótese de que, dependendo das características da disciplina que o professor ministra, ele tenderá a usar uma tecnologia em detrimento de outra. Então, em uma disciplina que tem um formato mais "conteudístico", como História, Geografia, Filosofia ou Literatura, a tendência de seu professor, será a de usar a TV, que é uma máquina que veicula diferentes conteúdos, inclusive aqueles que interessam às disciplinas em questão. Nas disciplinas que têm como fundamento desenvolver habilidades como Artes, Música, Desenho, Inglês e até Português, a primeira opção do docente, ao pensar nas tecnologias na escola,

provavelmente será usar o computador. Esta prática revela que as tecnologias da informação e da comunicação entram na escola como um suplemento que imita as disciplinas em sua dinâmica, formato e fundamentos. O currículo, a concepção de educação e a estrutura do ensino em geral se mantêm os mesmos. O livro didático ainda é a tecnologia¹ que prevalece.

4) Refletindo sobre a cultura escolar e suas características, verifiquei que a escola, que tanto critica o processo de virtualização na mente dos alunos, sempre trabalhou com o virtual, como o compreende Pierre Lévy (op. cit.). Mesmo sendo uma

dimensão diferente de virtual, em que as imagens desenvolvidas são abstratas, individuais e sem suporte material, o conhecimento escolar procura desenvolver as imagens virtuais no educando, como forma de trazer para o presente o conhecimento científico acumulado pela humanidade. Neste caso, o educando é estimulado a "viajar" para o mundo virtual, enquanto que através das tecnologias, o virtual vem até os estudantes. Sem querer fazer juízo de valor, penso que a virtualização parece ser uma característica inerente à natureza humana. E o que ocorre nestes dias de grande desenvolvimento tecnológico, é uma forma distinta de se vivenciar o virtual: através de suportes que materializam as imagens e as transformam quase que em realidade. Antes da TV, conhecíamos apenas o virtual desmaterializado. Depois dela, experimentamos uma nova maneira de apreender a realidade.

5) Uma outra observação é que a escola apenas legitima o uso de produtos da mídia como recurso didático; ela ainda não considera legítimo investir na formação do gosto. Falando sobre cinema na escola, Duarte (2002) diz: *"a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para 'ilustrar', de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis."* (p:87). Esta autora critica o não-reconhecimento dos significados das obras cinematográficas pela escola. *"Exibir Vidas Secas para turmas de 5ª ou 6ª série do ensino fundamental, com o propósito de 'ilustrar' o ensino de tipos de solo, reflete nosso profundo desconhecimento dessa obra para a cinematografia mundial, além de ser uma estratégia que tende a ser mal-sucedida"*(p.88).

⁷ Refiro-me aqui à concepção de tecnologia mencionada por Sancho no capítulo teórico, pg 15.

Mesmo assim, com todas as reduções que ocorrem nas aulas com tecnologias, as atividades são geralmente interessantes e ricas, pois envolvem outras linguagens e dimensões. Quando o aluno assiste a um filme em vez de assistir a uma aula sobre o mesmo assunto, na verdade, ele está vivenciando uma experiência. Não é apenas seu lado racional que prevalece, mas seu lado afetivo, cognitivo. Seu corpo participa com os olhos, o coração, a mente. No entanto, em aula, percebi que os professores não exploram muito as linguagens próprias da mídia. Tentam trazer o racional e põem de lado o que tem de emocional e sensorial nas produções midiáticas. Eles acreditam que as produções das tecnologias trazem o lúdico, mas não exploram este aspecto em aula, pois parece que há um consenso geral, por parte de professores e alunos, de que escola não é lugar para se desenvolver a sensibilidade ou trazer assuntos de fora do programa da matéria.

6) Constatei também que as tecnologias, quando utilizadas na escola, podem servir para reproduzir os paradigmas tradicionais de ensino, ou ir além, numa viagem através da imagem, dos links e do desenvolvimento do potencial criativo dos alunos. As tecnologias podem ser instrumentos eficazes dependendo de como forem utilizadas e do sentido que lhe atribuírem os usuários. Pelo fato do computador e da TV serem meios versáteis, eles se adaptam a qualquer visão sobre aprendizagem: podem servir como *tutores* numa perspectiva condutista, ou como *ferramentas*, numa visão construtivista. No caso específico do computador, ele ainda pode servir como *aprendiz* numa perspectiva mais globalizante (penso no uso das linguagens de programação, quando os alunos dão comandos ao computador e ele os executa).

7) O trabalho com o computador manifesta mais o paradigma da aprendizagem do que a TV, por algumas características inerentes ao próprio formato da aula no laboratório: os alunos sentam-se lado a lado, cada um com sua máquina na frente, trabalhando em seu ritmo. O papel do professor nessas aulas, é o de orientador, que circula pela sala tirando as dúvidas de seus estudantes. Estes, por sua vez, tomam o computador como aliado na busca de informações (no caso do uso da Internet) e constroem conhecimento na medida em que testam hipóteses, erram e depuram seu erro sem a intervenção do professor. Acredito que um trabalho em que a TV seja usada como ferramenta, tenha as mesmas propensões que o trabalho feito com o computador e deste modo, favoreça a

mudança de paradigma. Mas é apenas uma hipótese, já que não observei aulas deste tipo.

8) Nas observações das aulas com a TV, notei que os alunos aumentam gradativamente sua atenção ao produto veiculado, de acordo com a relevância do tema tratado e com o formato do programa. Se há uma trama ficcional, a atenção dos estudantes será maior do que se se exibir um programa didático, similar a uma aula tradicional. Se o assunto for relevante, o grau de atenção aumenta. De qualquer modo, o estímulo dado pelo professor ao filme ou programa exibido será a tônica mais forte no despertar do interesse dos educandos para o filme. Isso remete a uma outra observação: a importância primordial do papel do professor na criação e execução das atividades com o uso das mídias na escola. Sua figura como mediador² é imprescindível. O modo como ele apresenta o produto ou lida com a tecnologia interfere diretamente na maneira como ela vai ser experimentada pelos alunos.

9) Um outro elemento interessante de se apontar é que os docentes estão sempre com pressa, correndo atrás do tempo perdido, tentando encaixar mídias, projetos, lúdico, dentro da camisa de força que é o currículo escolar. Este elemento da organização da escola ainda é o que determina a forma dela trabalhar. Tudo é feito em nome do currículo. Compreendo e admiro estes docentes que, mesmo sofrendo pressões de todos os lados para cumprir os programas, ainda acham tempo e espaço para inserir em suas aulas novas linguagens, novas dimensões, numa tentativa de facilitar o acesso do aluno ao conhecimento. Nem sempre o trabalho resulta muito bem sucedido: é o filme de que os alunos reclamam, a página da Internet que não entra, o vídeo que de repente fica sem som.

Além disso, ainda têm que lidar com suas inseguranças e falta de conhecimento das novas tecnologias. Principalmente no que diz respeito ao computador, o professor teme ser substituído pela máquina, teme mexer nela e quebrar alguma coisa, teme saber menos que seu aluno e perder sua autoridade. Por isso, poucos são aqueles que embarcam na aventura tecnológica em suas aulas. Não foram preparados para isso.

⁸ Utilizo o conceito 'mediador' no sentido que lhe dá Orozco quando diz que: "*os diversos elementos da cultura são mediadores da produção de sentido no processo de recepção.*"

10) Mudando o foco para os alunos, é importante lembrar que, quando eles vão para a sala de audiovisual ou o laboratório de informática, eles experimentam mudanças: 1) saem da sala de aula para outro ambiente dentro da escola e 2) fazem na escola uma atividade que normalmente fariam em casa ou em outros locais. Ver filmes ou programas de televisão e usar o computador na escola tem um significado diferente de fazer o mesmo em outros locais, pois o uso das tecnologias é mediado pelo professor e pelo currículo. Isto é o que Orozco (1993), chama de mediação situacional: é uma mediação constituída pela situação na qual se estabelece a interação entre a mídia audiovisual e seu público. O fato de o espectador assistir televisão sozinho ou acompanhado, em casa, na rua ou na escola, irá condicionar o resultado da interação. Além desta mediação, os estudantes também vivenciam a mediação institucional. Isto quer dizer que as instituições das quais os sujeitos participam, constituem suas identidades e servem como filtros através do qual os espectadores irão relacionar-se com as tecnologias e suas mensagens. Neste caso, a escola como instituição que possui valores e normas terá um peso grande na forma como os educandos irão vivenciar e perceber os conteúdos que vêm através das tecnologias. Se uma escola tem um perfil mais liberal, ou mais conservador, por exemplo, o contato dos estudantes com essas características da escola irão condicionar o modo como apreendem as tecnologias.

11) Com relação à afetividade envolvida nas atividades com a TV ou o computador, todos os professores entrevistados disseram que os alunos adoram ver filmes ou programas de televisão e usar o computador na escola. Como isso significa uma mudança dentro dos padrões normais de aulas, as atividades realizadas com o uso das tecnologias, mesmo quando não correspondem a uma mudança paradigmática da aula, em geral são bem aceitas pelos estudantes. No entanto, posso afirmar que, ao tentar adaptar a dinâmica da aula com o uso das tecnologias num modelo exatamente igual ao tradicional, o professor certamente irá se deparar com o desânimo e desestímulo por parte de seus alunos.

Para finalizar, gostaria de apontar que, diante da heterogeneidade presente na escola e no mundo contemporâneo, uma das saídas da escola poderia ser facilitar o diálogo e a auto-expressão dos alunos em aula. Pelo que vimos ao longo deste trabalho, os novos alunos têm características que desafiam a escola a uma nova postura. São mais interativos, mais inquietos e já chegam à escola munidos

de informações sobre assuntos diversos. No entanto, este incremento de informações nem sempre se integra em esquemas de pensamento para compreender melhor a realidade e sua atuação sobre ela. É aí que a escola deve atuar. Através do diálogo, seria possível ela travar contato com esse saber prévio trazido pelo aluno e ajudá-lo a transformá-lo em conhecimento organizado. Através de atividades que promovessem a auto-expressão, abriria para seus estudantes possibilidades de auto-conhecimento e auto-desenvolvimento para que pudessem partir para novos vôos. O trabalho com tecnologias possibilita desenvolver essas funções em aula. O debate em torno de um filme, procurando aprimorar as opiniões dos estudantes sobre ele, o cultivo do espírito crítico numa dinâmica verdadeiramente dialógica ou mesmo a criação de histórias e o contato com pessoas de outros locais através do computador... dinâmicas como essas, a meu ver, seriam uma boa saída para o trabalho com as tecnologias no espaço escolar.

Em minha opinião, fazer uma escola diferente é possível. E uma das condições mais importantes para que isso aconteça é que os docentes sintam-se estimulados a sair do senso comum e incorporar novas práticas em seu fazer pedagógico. E estas práticas, com certeza, devem situar o educando no centro do processo educativo. Pois os alunos que chegam à escola hoje requerem professores que dominem linguagens diferentes, que tenham interesse em abrir seus horizontes, que procurem novas saídas para educar. Uma destas saídas poderia ser o uso inteligente das tecnologias na escola. Mas isto não é uma tarefa fácil. Parafraseando Paulo Freire (1996), exige disposição para o risco, aceitação do novo, pesquisa, bom senso e principalmente, disponibilidade para o diálogo. E este estímulo deveria ser um compromisso de todos aqueles envolvidos com a educação brasileira: escolas, governos e comunidades.